

A SEXUALIDADE VELADA DA MULHER VITORIANA.

TATIANA SANTOS DE SOUZA¹;
PROF.DR. LUIZ HENRIQUE TORRES²

¹FURG– taty100481@gmail.com

²FURG – lht2@bol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Quem era essa mulher vitoriana? Porque sua sexualidade era velada? Problemáticas que nos fazem refletir e nos debruçarmos sobre esse período para compreender a preocupação deste período em manter a moral e a imagem da mulher vitoriana como a imagem da pureza angelical, fazendo ela a representante do lar, a ponto de ser considerada o *Anjo do Lar*.

Esse período, assim chamado e mais conhecido como vitoriano, pois carrega toda a essência da sua governante, a Rainha Victoria. A Rainha Victoria tomou posse do trono em 1837 e governou até 1901, sua corte era considerada modelo, não só pela integridade do reinado, pois era um governo que não tinha nenhum escândalo que pudesse colocar em xeque a moral deste reinado Para Giles Lytton Strachey:

Ela era mais - era a encarnação, o ápice vivo de uma nova era da humanidade. O ultimo vestígio do século XVIII tinha desaparecido; as sutilezas e o cinismo tinham sido reduzidos a pó; e o dever, o trabalho, a moralidade e a vida doméstica triunfaram sobre eles. (STRACHEY, 2015: 163).

De acordo com a citação acima, a imagem da Rainha Victoria e de sua corte servia de modelo para a vida das pessoas. Além disso, a era vitoriana foi um período de mudanças sociais e econômicas e, também, no que tange as mudanças com relações a modernizações da indústria. Uma nova Revolução Industrial estava se originando, era um período de prosperidade.

Logo, a partir da Revolução Industrial, a sociedade vitoriana começou a sofrer mudanças no que se refere ao público e ao privado e como forma de controle, usou a moral. Por isso, a era vitoriana ficou conhecida como uma sociedade moralizadora coube a ela buscar um equilíbrio entre o público e o privado, e esse ponto foi o lar. O lar era gerido pela mulher, então, essa tarefa ficou a cargo e responsabilidade dela, fazendo com que ela ficasse cada vez mais restrita ao espaço do lar, mantendo a moral, criando os filhos, cuidando do bem estar e conforto do esposo.

Mulher representada pela pureza angelical, delicada, frágil, assexuada que antes era tutelada ao pai agora é pelo marido, esta é a representação da mulher vitoriana, o *anjo do lar*, aquela ao qual foi criada para ser submissa ao homem e a sociedade conservadora, portanto, “[...] As mulheres se enraízam na natureza; elas têm o coração, a sensibilidade, a fraqueza também. A sombra da casa lhes pertence. [...]” (PERROT, 2005: 269). O homem afirma a inferioridade da mulher através do biológico, sempre a colocando de forma reduzida, oprimindo tudo aquilo que vinha ou se referia ao sexo feminino.

Logo, quando falamos de sexo e levamos em consideração a máxima desse período, que é a moral. É possível compreender porque o sexo é

considerado um tabu para os padrões sociais deste período, ainda mais se tratarmos da sexualidade feminina. Tendo em vista que seu órgão genital, seu corpo, seus desejos, tudo aquilo que está ligado a sua sexualidade é considerado pecado. Desde a infância o sexo era colocado como algo pecaminoso, mencionar algo que estivesse relacionado a sexo, era motivo de desconforto na sociedade. Todo esse pudor e cerceamento a cerca do sexo e da sexualidade é indiferente do gênero, porém a mulher era a que mais sofria as consequências e privações quando o assunto é sexualidade. Assim de acordo com Michel Foucault:

A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal legítimo e procriador, dita a lei. (FOUCAULT, 2015: 07)

Assim o sexo é totalmente velado, silenciado, saindo totalmente da esfera coletiva, sobre ele não se fala, nem se insinua nada, tudo aquilo que está relacionado ao sexo é silenciado, desde as palavras. Em se tratando das crianças, a elas era negado o sexo biológico, entende-se que a criança até seis anos de idade é assexuada, “[...] Nas salas das creches, meninos e meninas se confundem. Depois começa um longo processo de sexuação. [...]” (PERROT, 2016: 43). A presença da menina é quase que imperceptível, tendo em vista que sua vida está restrita a casa, isto é, ela passa mais tempo no espaço privado, excluída do convívio social, aprendendo a ser a mulher religiosa, submissa ao homem, dedicada a casa e aos filhos, perfeita e angelical aos olhos da sociedade vitoriana.

A sexualidade foi confiscada, tudo que remetia ao desejo sexual era controlado pela lei cristã, regular o sexo não proibindo, supervisionando através do discurso, isto é, a polícia do sexo era controlada pela religião sobre a forma de confissão, “[...] O que é próprio das sociedades modernas não é terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo. [...]” (FOUCAULT, 2015: 39), ou seja, no confessionário se fala de sexo, em voz baixa e disfarçada, sem ofender ou causar constrangimento, apenas como ato legítimo do pecado, portanto ele continua presente no discurso, mas mantido em segredo.

No momento do ato sexual a mulher deve ser conter-se e tornar-se uma presa paciente a espera do seu dominador. O homem é o macho, a ele se reserva o direito de exercer o sexo como natural, assumindo sua natureza selvagem. Nesse período, surgem às patologias de mulher, como é o caso da mulher histérica, essa mulher sofre dos nervos, extremamente nervosa, raivosa, “[...] A histérica é a mulher doente de seu sexo, sujeita a furores uterinos que a tornam quase louca, objeto de clínica de psiquiatras. [...]” (PERROT, 2016: 66), portanto, essa patologia está relacionada ao sexo, com o surgimento da histeria ocorre o início das doenças femininas juntamente com a psiquiatria e a psicanálise dessas doenças.

Assim, os desejos da mulher não eram preocupação para o homem, o sexo era mecânico, instintivo para o homem e mecânico para mulher, desta forma o sexo termina com a satisfação do homem, sempre objetivando a reprodução. “[...] O discurso do médico, longe de exaltar a lentidão das carícias, associa a qualidade da relação ao ímpeto e á rapidez do homem; os médicos ignoram, portanto o problema colocado pela ejaculação precoce. [...]” (CORBIN, 2009: 506), neste caso percebemos o quão era desprezado o prazer feminino, durante o século XIX a rapidez do sexo conjugal era evidente, “[...] levando a pensar que o

orgasmo simultâneo seja uma exceção. [...]” (CORBIN, 2009: 506), reforçando ainda mais a negação da sexualidade feminina.

2. METODOLOGIA

Para realização deste trabalho será utilizado como metodologia de pesquisa, a análise de discurso proposta por Eni Orlandi que diz: “A análise de discurso concede a linguagem como uma mediação necessária entre o homem e a realidade natural e o social.” (ORLANDI, 2001: 1515). Haja vista, para compreendermos o discurso utilizado neste período histórico se faz necessária essa abordagem metodológica, tendo em vista a melhor compreensão dos signos e ideologias enraizados no discurso da época, neste caso o século XIX.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando discutimos sobre sexualidade da mulher no período vitoriano, observemos que tudo que está envolto da mulher é considerado perigoso, a imagem da mulher desde a sua primeira origem é vista como pecadora, subversiva, que atenta contra o homem, contra a sociedade patriarcal, por conta disso é demonizada. “[...] Ela é o diabo, seu olhar mata: ela tem mau-olhado. [...]” (PERROT, 2016: 90), essa aproximação da mulher com a figura do diabo, faz crer que é através dela que esse ser corrompe o homem.

Portanto, percebemos que o sexo era exclusivamente para satisfazer o homem, a mulher era somente o caminho da reprodução. Sua imagem angelical não lhe permite sentir sensações e satisfações sexuais, logo a sexualidade feminina era simplesmente negada, anulada, inexistente, toda pressão da sociedade patriarcal e da religião estavam presente no momento do ato, na forma da consciência da mulher.

4. CONCLUSÕES

Conforme exposto no decorrer deste trabalho, a mulher vitoriana imersa no contexto social do século XIX, que trancava essa mulher a seu próprio corpo, sendo ele a expressão da sexualidade. Seu sexo é inferiorizado, reduzido a sua biologia, tratando-a como frágil, delicada, o que a limitava e a inferiorizava diante da sociedade patriarcal, machista e sexista. O que acabava por reduzi-la apenas a uma reprodutora, responsável pela continuidade de sua espécie, no entanto sua reprodução a liga a natureza, transforma-a em fêmea, permitindo que o homem faça dela uma presa e que deve ser dominada, logo essa aproximação ao natural é interpretada pelo homem como um perigo.

A mulher ligada à natureza, assim como a mãe natureza dá a vida e a tira e, o homem não consegue controlar essa natureza, logo tem medo de não conseguir controlar o sexo feminino e isso lhe causa grande incômodo. Toda essa repressão contra a sexualidade da mulher vitoriana impregnada nos preceitos religiosos de uma sociedade patriarcal, que defende a cima de tudo a virtude e a moral, faz dela uma mulher objeto. O homem se cerca de mitos, da religiosidade, da natureza biológica para inferiorizar a mulher para justificar sua misoginia. Enquanto isso a mulher vitoriana se encerra no seu interior, ceifando da sua vida



o prazer, o desejo sexual e aceitando sua posição de presa diante do seu dominador.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORBIN, Alain. **Gritos e cochichos**. In: História da Vida Privada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 5v.

FOUCAUT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. 3ªed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8ª. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru. Edusc, 2005.

STRACHEY, GilesLytton. **Rainha Vitoria**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2015.